

CAPÍTULO V - Correspondência com Yaynha Pereira Gomes

Dr. Silvio Tamaso D'Onofrio

Yaynha Pereira Gomes nasceu em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 27 de Março de 1885, e faleceu em São Paulo, a 6 de Outubro de 1975. Não há informações de como conheceu Monteiro Lobato. O que se sabe é que em 1924 Yaynha publicou um livro de contos, *Quinze noites*, por meio de uma das editoras de Lobato⁸⁶. Foi a estreia em prosa da autora, ela que já havia lançado dois livros de poesia: *Páginas de sonho*, de 1920⁸⁷, e *Folhas que caem*, de 1922⁸⁸. Além das artes escritas, Yaynha Pereira Gomes também produziu no âmbito das artes plásticas, tendo participado de ao menos nove edições do “Salão Paulista de Artes Plásticas”, entre 1935 e 1951⁸⁹.

Conhecidos os dois, Lobato frequenta saraus literários na residência do casal Yaynha Pereira e José Maria Gomes, este um leprologista bem-conceituado, como ela própria descreve em seu livro *Colcha de retalhos: Páginas de impressionismo*, de 1926, obra de crônicas e crítica:

⁸⁶ GOMES, Y. P. *Quinze Noites: Contos*. São Paulo: Companhia Gráfica-Editora Monteiro Lobato, 1924.

⁸⁷ GOMES, Y. P. *Páginas de sonho*. São Paulo: Typographia São Luiz, 1920.

⁸⁸ GOMES, Y. P. *Folhas que caem: Versos*. São Paulo: Casa Mayença, 1922. Adicionalmente, nota não assinada divulgada na imprensa, sob o título “Quinze Noites”, permite considerar esta como sendo a terceira obra de Yaynha: “[...] Duas coletâneas de versos que já deu ao prelo, assinaram-lhe lugar entre as mulheres cultas do país [...]”. QUINZE Noites – Yaynha Pereira Gomes – Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato – S. Paulo – 1924. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 107, p. 34, nov. 1924.

⁸⁹ YAYNHA Pereira Gomes. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa343668/yaynha-pereira-gomes>>. Acesso em: 1 jan. 2020.

Hoje, que a nossa Pauliceia está deserta de Lobato, como é grato lembrar os nossos serões, em minha casa. Lobato era um visitante semanal. Sua palestra era simples e às vezes ingênua. Nada de literatura. Andava abarrotado de letras gordas e magras. Gostava de falar na sua peregrinação pelo Interior. Recordar a vida boêmia com a lembrança de Ricardo Gonçalves, o poeta que tão tragicamente saiu desta vida, e a quem exaltava. Fora dos seus íntimos. Julio Cezar da Silva, encantava-o com as suas aventuras. Mas só o vi rir a bom rir, quando me surpreendeu com o livro de versos – *Sereno na flor*⁹⁰. Lobato não sabia rir. Aqui em São Paulo não se ri bem. Talvez agora no Rio de Janeiro, aprendesse essa arte incomparável que é o maior bem da vida... Excelentes noites!...⁹¹

Cartas a uma senhora amiga

O professor da Universidade Nacional de Brasília, Cassiano Nunes, “lobatólogo” como ele mesmo se definia, publicou por conta própria em 1983 um livro intitulado *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga* que trata da correspondência entre Monteiro Lobato e Yaynha Pereira Gomes⁹². Na primeira página do livro, Cassiano Nunes agradece à Maslowa Gomes Venturi, filha de Yaynha Pereira Gomes, por fornecer cópia da correspondência que,

⁹⁰ Obra de José Florêncio Pereira. O crítico Brito Broca rememorou episódio em que um sujeito entrou no escritório de Monteiro Lobato, cumprimentou-o e, sacando um maço de papéis do bolso, afirmou: “- Tenho aqui mais versos, doutor”. Seríssimo, Lobato pede para Brito Broca ler os poemas do homem, apresentado por Lobato como poeta inspirado – era José Florêncio Pereira. Não sabendo se tratar de farsa ou não, Broca constringe-se porque as pueris e desconexas estrofes eram todas terminadas em “Como o sereno na flor”. Registra Brito Broca: “Daí a uns três meses aparecia o livro do seu Florêncio, *O sereno na flor*, editado por Monteiro Lobato. Foi um sucesso: esgotou-se rapidamente [...] Estávamos em pleno Modernismo. E muita gente considerou o seu Florêncio modelo de poeta ‘futurista’. Lobato entusiasmara-se com o homem. Era genial, não havia dúvida. Decorou-lhe muitas quadrinhas e citava como exemplo de inspiração verdadeiramente apocalíptica, a seguinte: ‘Os porcos ruge / Os bezerro berrô / Tudo na ordem / Como o sereno na flô’. – Isto é um gênio! – Gritava Lobato – Onde encontrar uma combinação tão admirável de disparates?” (BROCA, B. O Monteiro Lobato que eu conheci. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano 57, n. 26, p. 53, 28 jun. 1958). O livro de Florêncio Pereira saiu pela Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato em 1925, prefaciado por Monteiro Lobato.

⁹¹ Conforme p. 252 de BIGNOTTO, Cilza C. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. 421p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2007. Nas transcrições apresentadas neste capítulo, optou-se pela modernização do idioma e, em pontos ilegíveis ou duvidosos, grafou-se o caractere da interrogação entre parênteses “(?)”.

⁹² NUNES, C. *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga*. São Paulo: Imprensa Copidart, 1983.

aqui, volta à tela por intermédio da filha de Maslowa, Sandra Venturi⁹³. Maslowa Gomes Venturi teve cinco romances publicados, traduziu livros para as editoras Brasiliense, Companhia Editora Nacional e Ibrasa, além de ter colaborado com a imprensa em artigos de crítica literária⁹⁴.

Nas 27 páginas de seu opúsculo, Cassiano Nunes não transcreve as missivas. Transcrever cartas é questão delicada e por muito já se debateu a respeito. O motivo foi abordado com clareza pelo estudioso francês Philippe Lejeune, em 1998, na crônica “A quem pertence uma carta?”. Segundo este autor, enquanto não enviada, a carta é do missivista. Depois, do destinatário, e quando este morre, de seus herdeiros. No entanto, essa propriedade é limitada pelo direito de propriedade intelectual do autor e/ou dos herdeiros deste, e, ainda, pelo direito de uma terceira pessoa (ou herdeiros dela) que pode ter algum aspecto de sua vida desvelado na carta, opondo-se à publicação⁹⁵.

Além da esfera jurídica, o preparo de material epistolar para publicação em livro pode sofrer interferência de ordem vária. Segundo a historiadora da correspondência Janet Altman, quando da passagem do âmbito privado inicial para publicação, em livro, por exemplo, as cartas podem ser “corrigidas, revisadas, truncadas, contextualizadas”. Além disso, cartas publicadas em livro são necessariamente reendereçadas, uma vez que não se destinam ao correspondente inicial, mas ao leitor do livro, que faz leitura diversa, em outro momento histórico, tendo o efêmero valor da escrita original já evanescido⁹⁶. Lobato mesmo tematiza essa questão do preparo de cartas para a publicação em uma de suas famosas missivas ao amigo Godofredo Rangel, sinalizando a eventual correção de gralhas para a publicação de um livro com o material editado: “Achei ótima a ideia de você mesmo bater na máquina as suas cartas. Farei isso às minhas, e assim as depuraremos dos gatos, do bagaço, das

⁹³ O autor empenha seu mais sincero agradecimento à digníssima senhora Sandra Venturi pela generosidade.

⁹⁴ VENTURI, M. G. Teoria da Distância. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, n. 6, p. 10, 20 jul. 1939. Publicou ainda, entre outros, *Vozes sem eco* (1950), *Portão fechado* (1953) e *Trilha perdida* (1971). Traduziu entre outros: J. Hyatt Downing, Maureen Daly, Conde Sforza e Benjamin Nelson.

⁹⁵ LEJEUNE, Philippe. A quem pertence uma carta? In: NORONHA, Jovita M. G. (Org.). *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet / Philippe Lejeune*. Trad. J. M. G. Noronha (et al). Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 253.

⁹⁶ ALTMAN, Janet G. The letter book as a literary institution 1539-1789: toward a cultural history of published correspondences in France. In: *Yale French Studies*, Yale University Press-USA, n. 71, 1986, p. 19. Disponível em: <<http://www.jstor.com/stable/2930021>>. Acesso em: 1 jan. 2020.

inconveniências”⁹⁷.

No livro de Cassiano Nunes, o autor não revela quantas cartas leu, nem quantas havia disponíveis para leitura no acervo consultado. Em suas obras posteriores *A atualidade de Monteiro Lobato: Uma revisão crítica* (1984) e *Monteiro Lobato vivo* (1986), Cassiano novamente faz menção a cartas de Lobato a Yaynha, e, aparentemente, a cartas não citadas anteriormente, mas igualmente não transcreve senão poucas frases aqui e ali, e mantém o silêncio quanto ao número de documentos a que teve acesso.

Buscando informações adicionais sobre essa correspondência entre Monteiro Lobato e Yaynha Pereira Gomes, sobre o ineditismo do conjunto documental agora (re)localizado, possíveis menções na imprensa, estudos, transcrições, memórias, deparamo-nos com o documento intitulado “Painel geral da correspondência ativa de Monteiro Lobato”⁹⁸, produzido pelo projeto temático “Monteiro Lobato (1882-1948) e outros Modernismos Brasileiros”⁹⁹, desenvolvido junto ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, nos anos 2000. Este Painel elenca informações básicas de 19 cartas remetidas por Monteiro Lobato a Yaynha Pereira Gomes e, dos 19 registros, 18 indicam as mencionadas obras de Cassiano Nunes como fonte primária. O registro adicional não aponta onde se localiza, ou de onde vieram as informações da carta datada 23 de julho de 1927 (p. 63). No acervo recém-consultado, não se localizou epístola remetida nesta data.

O acervo em detalhes

São 47 documentos, sendo 33 manuscritos e 14 datiloscritos. Cinco desses documentos se utilizaram de papel timbrado¹⁰⁰ e 42 são sem timbre. No total, são 92 páginas escritas por Monteiro Lobato, compostas da seguinte maneira: dois documentos com seis páginas cada; dois documentos com quatro páginas cada; seis documentos com três páginas cada; 17 com

⁹⁷ LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. 8. ed. Tomo 1. São Paulo: Brasiliense, 1957, p. 354.

⁹⁸ Disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/AtivaAnoAnoComSeparacao.pdf>>. Acesso em: 1 jan. 2020. Neste documento, o prenome da destinatária foi grafado “Iainha”.

⁹⁹ Página de apresentação do Projeto disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/projeto_tematico.htm>. Acesso em: 1 jan. 2020.

¹⁰⁰ “Companhia Petróleos do Brasil”, “Companhia Editora Nacional”, dois de “Monteiro Lobato & Co. Editores” e “Munson Steamship Lines”.

duas e 20 com uma. Como locais de envio, há efetivamente indicação de procedência em: 12 documentos de Nova Iorque; três do Rio de Janeiro; um de Buenos Aires; um “at sea”¹⁰¹, a bordo do navio, no timbre “Munson Steamship” e um da Casa de Detenção, em São Paulo. Adicionalmente, pelo conteúdo apresentado, julgamos aparente esquecimento do autor em grafar o local de origem da carta quando escreve duas de Nova Iorque e duas do Rio de Janeiro. Como locais supostos de origem, questionáveis, existem: uma de Nova Iorque, oito do Rio de Janeiro e uma de São Paulo. Em 15 documentos, muitos deles de exíguo conteúdo, que na linguagem corrente poderiam ser chamados de bilhetes, simplesmente não há como apontar o local de origem.

Com relação a identificações e assinaturas, no conjunto dos 14 datiloscritos há assinatura manual em cinco deles e, pensando no conjunto total, 47 documentos, em três deles não há assinatura. A grande maioria das cartas é iniciada pela expressão “D. Y^a” ou “D. Yaynha”.

São muitos os nomes de pessoas e obras citadas no conjunto documental¹⁰², mas, em termos de periódicos citados, são estes apenas: *A Manhã*, *Diário da Noite*, *Diário Popular*, *Jornal do Commercio*, *La Prensa*, *O Jornal*, e *The New York Times*.

Como datas-limite, de quando a quando ocorrem as cartas. Naqueles documentos onde a data foi especificada, há o período 1925 a 1946.

21 anos de correspondência literária

Tendo por base o subtítulo da famosa, certamente uma das mais importantes obras da produção escrita de Monteiro Lobato, *A barca de Gleyre* (1944), essa correspondência entre Monteiro Lobato e Yaynha

¹⁰¹ “At sea” é como Lobato inicia a carta datada 27 de maio de 1927. Acervo Sandra Venturi.

¹⁰² Apenas por ilustração que possivelmente desperte interesse, mencione-se: *Au Bonheur des Dames*, *O jardim secreto*, *A dama das camélias*, *Jeca Tatuzinho*, *Mister Slang e o Brasil*, *O choque de raças*, *Quinze noites*, *Reinações de Narizinho*, *Snub-Nose Adventures*, Alarico Silveira, Anna de Noailles, Antônio Torres, Artur Bernardes, Carlitos, Conde Matarazzo, Corneille, Cel. Fernando Prestes, Cunhambebe, D. Calderon de la Barca, Doctor Cara de Col, Doutor Caramujo, Emile Zola, Emília, Marinetti, Barclay, Frei Luís de Souza, Freitas Valle, Nietzsche, Hans Staden, Henry Ford, Inês de Castro, Jean de Lery, Jocasta, Juan Ramón Prieto, O Judeu Errante, Krishnamurti, Luís de Camões, Mme. De Sévigné, Manequinho Lopes, Maomé, Maslowa Gomes Venturi, Octalles M. Ferreira, Pedro Álvares Cabral, Tácito, Vergílio, Purezinha M. Lobato, Rasputin, Richelieu, Sacco e Vanzetti, Shakespeare, Sylvio Floreal, Thomé de Souza, Voltaire, Washington Luís, entre outros.

Pereira Gomes poderia também ser caracterizada como literária. São vários assuntos, normalmente pessoais, particulares, mas também há espaço para literatura e ideias, passando por comentários sociais e políticos. É mais ou menos o mesmo do que ocorre n'*A barca*. Comentando o lançamento d'*A barca de Gleyre*, Edgard Cavalheiro afirmou algo que também cabe aqui, nesta correspondência, posto que ela “põe em foco uma série de questões e problemas de toda uma época, e nos oferece o mais expressivo auto-retrato que se poderia desejar de um escritor”¹⁰³, que é, no final das contas, um Lobato “sem filtro”, em suas “críticas desabotoadas”, como também definiu Cavalheiro. Ou seja, sem o rigor, a atenção e o preparo revisional que incide na escrita destinada a vir a público – e talvez aqui isso se apresente de forma mais pronunciada do que em *A barca de Gleyre*, pelas circunstâncias já apresentadas.

Ao mesmo tempo, o subtítulo de *A barca de Gleyre* implicaria certa inadequação em uma obra que promete apresentar dados de uma “correspondência” – algo que se deduz seja entre duas ou mais partes e que contemple um aspecto transacional, com itens sendo correspondidos. Infelizmente, como no caso das cartas com Godofredo Rangel, aqui também a correspondência aparece apenas em uma via, aquela em que é Monteiro Lobato quem se pronuncia. As missivas remetidas por Yaynha Pereira Gomes não foram localizadas por enquanto. Alguém poderá lembrar, neste ponto, que talvez seja aquele mesmo Edgard Cavalheiro quem poderia dar explicações a este respeito. Estudos recentes, no entanto¹⁰⁴, demonstram que o “Arquivo Monteiro Lobato” – grande quantidade de documentos impressos e manuscritos que Lobato deixou com Cavalheiro antes de se mudar para a Argentina – foi devolvido à família Lobato pouco antes do falecimento deste. Em idêntico sentido, pronunciaram-se Cassiano Nunes e o editor Nelson Palma Travassos.¹⁰⁵

A amizade entre Monteiro Lobato e Yaynha Pereira Gomes é o fio condutor da correspondência, segundo a leitura de Cassiano Nunes, para

¹⁰³ CAVALHEIRO, Edgard. Correio literário de São Paulo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 21 out. 1944, p. 16.

¹⁰⁴ D'ONOFRIO, S. C. T. *Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)*. 394p. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012, p. 34.

¹⁰⁵ D'ONOFRIO, S. C. T. *Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)*. Op. cit., p. 34.

quem o destaque fica por conta da revelação de um lado ameno, pacato até, em Monteiro Lobato. Nas palavras de Cassiano Nunes, “o Lobato mais de varanda e de cadeira de balanço do que de salão chique, copo de whisky na mão e ‘flash’ para as colunas sociais”¹⁰⁶.

Apesar da caligrafia complicada, composição anárquica, acentuação na maioria das vezes inexistente, os inexoráveis sublinhados e citações latinas, o que se obtém da leitura desse conjunto documental são impressões, ideias e projetos sobre as questões do ferro, da metalurgia e do petróleo; menções ao governo brasileiro; a luta pela isenção de impostos incidentes no papel do livro; há assunto literário e editorial, sem dúvida, crítica e revisão de obra literária de Yaynha, de sua própria obra (revela detalhes de planos, traduções, tiragens) e também de terceiros, entre outros fatos e particularidades do próprio Lobato e de sua vida, de seus familiares e de conhecidos. Na parcela remetida de Nova Iorque, há relatos sobre uma cafeteria que Lobato abriu com sócio brasileiro (negócio que diz estar indo bem e prometendo criar filial) e numerosos reportes de visitas a exposições, museus, teatros, monumentos e logradouros históricos públicos, cinema e tudo o mais que se possa pensar em termos de cultura¹⁰⁷, além de pitorescas observações sobre a sociedade. Como exemplo disso, Lobato escreve sobre possível nova colocação profissional sua na América:

É um lixo rico, onde há tanta coisa aproveitável que dá vontade de ir catar. O americano é esbanjador. Considera lixo e põe fora coisas que para mim, aí, valeriam ouro. Estou vendo se largo do emprego para ser lixeiro – ou lixeiro exportador de coisas que aqui nada valem e aí seria grana(?) em caixa.¹⁰⁸

¹⁰⁶ NUNES, C. *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga*. Op. cit, p. 7.

¹⁰⁷ Em um desses relatos: “Comprem um bilhete de Espanha, tirem a sorte grande e venham todos, inclusive D. Zulmira. Venham ver o que é teatro. Temos aqui 785 teatros com uma frequência média por dia de um milhão de espectadores. São édens alguns deles” (carta sem data, *incipit* “Caros amigos da rua Caio”).

¹⁰⁸ LOBATO, M. Correspondência inédita para Yaynha Pereira Gomes. Nova Iorque, 22 de junho de 1927. Acervo Sandra Venturi.

Há coisas que começam com a aparência de pecado e acabam em beleza¹⁰⁹

Se em algum lugar Lobato se afirmara um escritor nascido pintor, da correspondência com uma artista plástica, poder-se-ia esperar localizar o assunto tematizado entre suas linhas. Não é exatamente o que ocorre aqui; ao contrário, são escassas menções ao gênero que consagrou o Charles Gleyre de *Lost Illusions*. Apesar de não integrando o conjunto documental a que é dedicado este capítulo, duas aquarelas de autoria de Monteiro Lobato também perfazem o mesmo acervo documental. Elas retratam uma casa de campo na região de Campos do Jordão-SP e possuem dedicatória de Monteiro Lobato a Yaynha Pereira Gomes.

Já a crítica, esta é bastante presente, como seria de se esperar nos escritos de alguém que publicara, com tanto alarde, o artigo “Velha praga” poucos anos antes. Em outros momentos, nestas missivas, percebe-se o grande “carteador” refletindo sobre a arte da epistolografia: “Quando há assunto demais não se deve escrever. Sai tudo atropelado e ininteligível. Cartas boas são as escritas quando não há assunto”¹¹⁰.

Excerto de duas dessas apreciações epistolares foram utilizados na seção intitulada “Algumas opiniões sobre as obras da autora” e impressa em livro de Yaynha Pereira Gomes¹¹¹ com crédito a Monteiro Lobato. Originalmente, os conteúdos figuraram em cartas diferentes, uma delas aparentemente do Rio de Janeiro, sem data, e a outra sem local e sem data. O trecho original de uma das cartas, ampliado com relação ao impresso em offset, é o seguinte:

O estilo também ótimo, seco, sem berloques femininos nem exibicionismo verbal à C.N.(?). Estou entusiasmado com o seu romance e mais empenhado(?) de que nunca em amputá-lo(?) todos os defeitos para(?) que venha(?) a público inatacável.

¹⁰⁹ GOMES, Y. P. Epígrafe. In: _____. *Exilada do tempo: Poesia*. São Paulo: Fulgor, 1963, p. 7.

¹¹⁰ LOBATO, M. Idem, 30 de agosto de 1927.

¹¹¹ GOMES, Y. P. *Exilada no tempo: Poesia*. Op. cit., p. 81.

O outro trecho é o seguinte: “Está um romance a *liatores rumpus*(?)¹¹², independente, sem escola, personalíssimo. Em homenagem, peço-lhe que beba por mim uma garrafa de espumante, entre hips e hurras. Toque!”

Em meio a algumas cartas, é possível também abstrair conceitos estéticos de Lobato, muitas vezes expressos de forma corriqueira. É o que ocorre em carta sem data e sem local de envio, quando o criador da Emília escreve sobre um romance de Yaynha: “Mas já vi que está movimentado e bastante dialogado, coisas indispensáveis num romance moderno. Movimento é tudo, na vida e na arte. A ausência dele traz na vida o pântano e na arte a ‘cacetização’”. Ou, em outro momento da mesma carta:

Estas pequenas coisas da técnica formal do romance têm tanta importância como as grandes para a clareza da exposição. Não tenha pressa, Da. Yaynha. Lembre-se que a estreia de um autor no romance é caso sério e é preciso entrar vencendo. Faça datilografar a *Volúpia* e depois debatamos o caso. Só lhe digo (e com a experiência dos séculos (?)) que quanto mais a sra. amassar a massa, mais macio sai o pão.

Há espaço também para nostalgia e o inseparável humor que, por vezes, flerta sarcástico, quase transformado em Emília: “Sinto grandes saudades das palestras acompanhadas e tão cordiais da sua casa. Como as horas corriam ao soar dos sapos na baixada! E os doces tão gostosos. Até os trocadilhos do Dr. sinto falta. Achava-os maus. Hoje vejo que eram ótimos. A distância embeleza tudo, até os trocadilhos”¹¹³. Em outro momento, Lobato registra algo próximo ao solilóquio, poético até:

Aqui, frio, e a tristeza infinita do inverno. A morte da vegetação é completa e isso imprime n’alma(?) uma indefinível(?) sensação de fim de tudo. Já estou saudoso dessa coisa a que nunca liguei(?) importância chamada folha verde. Nem uma para remédio se encontra, a não ser nas estufas dos jardins botânicos. Só as há, e poucas, secas, voando pelo chão ao sabor dos ventos e dando a ideia de pardais. Quando cheguei o chão do jardim estava pululando de pardais. Agora, volta e meia me iludo com a folha que o vento move. Substituem perfeitamente os

¹¹² Aparentemente expressão latina não decifrada. Original manuscrito encontra-se sublinhado.

¹¹³ LOBATO, M. Idem, sem local (aparentemente NY), sem data.

pardais – que eu não sei dizer(?) é se melhoram(?).¹¹⁴

E, em se tratando de um autor que é constantemente acusado de impropriedades em termos de postulados sobre raça e gênero, o acervo agora novamente localizado oferece a oportunidade para um pouco mais de leitura e reflexão, afinal, Lobato e família planejaram, em 1929, passar férias na ilha caribenha de Barbados: “Estou considerando [...] Barbados, onde tudo é negro. Mas creio que o mais certo é ir dar com a tribo em Portugal”¹¹⁵.

Em outro momento, comentando as diatribes ao redor de seu possível ingresso na Academia Brasileira de Letras, episódios que merecem um volume exclusivamente dedicado ao tema, plenos daquilo que Aristóteles chamou de *peripeteia*, no teatro clássico, afirma Monteiro Lobato: “Entrarei por antiguidade, já que não posso fazer por merecimento. Mas entrarei. E lá dentro trabalharei para que a Academia abra as portas às mulheres, visto ser absurdo isto de admitir sexo para a inteligência”¹¹⁶.

¹¹⁴ LOBATO, M. Idem, *ibidem*.

¹¹⁵ LOBATO, M. Idem, 9 de maio de 1929.

¹¹⁶ LOBATO, M. Idem, sem local, sem data.